



A mediação semântica do papel em projetos editoriais: uma abordagem da Teoria da Atividade

Semantic mediation of paper on editorial projects: an Activity Theory approach

Eduardo A. Souza, Gabriela A. F. Oliveira, Silvio B. Campello

design editorial, papel, mediação, teoria da atividade, estranhamento

Este artigo tem como objetivo discutir o livro enquanto objeto, sobretudo acerca do valor semântico do papel. Com conceitos fundamentais da Teoria da Atividade – à luz de Vigotski e Leontyev – e do estranhamento definido por Chklovski, observou-se que a utilização do papel contribuiu para uma experiência estética que alterou a percepção habitual do livro. Utilizamos os livros *A Fera na Selva*, de Henry James e *Na Noite Escura*, de Bruno Munari – edições da Cosac Naify que utilizam o papel como elemento semântico – para observar a leitura e entrevistar nove não-especialistas. O artigo propõe, por fim, aprofundar a atenção à forma do livro como um dos meios pelos quais o projeto gráfico significa, concedendo autonomia à forma.

editorial design, paper, mediation, activity theory, estrangement

*This paper aims to discuss the book as object, mainly the semantic value of paper. With fundamental concepts of Theory of Activity – as from Vygotsky and Leontyev – and with estrangement as defined by Shklovsky, we noted that this use of paper aided a aesthetic experience that altered the habitual perception of book. We used Henry James' *A Fera na Selva* and Bruno Munari's *Na Noite Escura* – editions from Cosac Naify that use paper as semantic element – to observe the reading and interview nine non-specialists. The paper argues, at last, to deepen the attention to the form of the book as one of the mediums by which the editorial project signifies, conceding autonomy to form.*

1 Introdução

É comum, no projeto gráfico de um livro, que o papel seja visto apenas como um suporte para o conteúdo textual ou imagético, negligenciando seus aspectos materiais. A própria materialidade do livro pode ser planejada para carregar características semânticas, a fim de constituir um meio mediacional. Aqui, referimo-nos a esses aspectos materiais sob a denominação geral de livro-enquanto-objeto.

Embora seja apenas uma exploração inicial, o experimento descrito visa investigar se a materialidade pode realizar uma mediação semântica. Dentre os componentes materiais, o foco é o papel do miolo. Ou seja, da perspectiva do design gráfico, a análise perpassa a autonomia da *forma* do projeto gráfico dos livros *A fera na selva* e *Na noite escura*, ambos da editora Cosac Naify.

O experimento foi desenvolvido a partir de conceitos fundamentais na Teoria da Atividade: níveis de atividade, internalização (hábito), fala interior (*inner speech*) e mediação. A análise, por sua vez, baseia-se na psicologia da arte de Vigotski e no conceito de

estranhamento para apontar direcionamentos que refletem mudança do senso comum de *livro* e aceitação do papel como meio mediacional.

2 Teoria da Atividade: conceitos relevantes

Vigotski fundamentou uma abordagem que aplicava o materialismo histórico e dialético de maneira relevante para a psicologia, devido a uma profunda leitura da teoria marxista (Cole & Scribner *in* Vigotski, 1984). A passagem das funções psicológicas inferiores para as superiores – caracterizadas pela natureza social, cultural e histórica – é efetuada pelo uso de signos (Guimarães, 2000). O signo é ‘elemento de um diálogo da consciência consigo própria, (...) diálogo com seus materiais e processos’ (*ibid*) e ‘constitui a manipulação indireta da realidade interna e externa’ (*ibid*). As investigações acerca do uso de signos por Vigotski tem origem em seu interesse pela literatura e arte dramática e no confronto com a teoria e crítica da arte, realizados em sua *A Psicologia da Arte*.

Apesar de Vigotski fundamentar a abordagem da Teoria da Atividade, o estabelecimento de seus conceitos ficou a cargo de seus colegas. Em especial, A. N. Leontyev desenvolveu o conceito de atividade, considerando sua inserção na esfera social. Assim, criou uma estrutura de análise da atividade em três níveis: 1) atividade é um sistema de ações direcionadas a um objeto socialmente determinado, o *motivo*; 2) as ações, embora relacionada ao motivo, são realizadas por indivíduos direcionados a uma meta pessoal; e 3) operações são o modo de execução, uma ação que se torna automática dentro de um contexto. O aspecto social da atividade será analisada aqui através do conjunto de expectativas do leitor em relação ao livro. Entendemos que a sociedade está representada em seus participantes, experientes em sua cultura – suas expectativas, normas de comportamento e assim por diante (Blunden, 2012).

O processo de internalização – evidenciado pela permeabilidade entre ação e operação – é fundamental para o desenvolvimento humano: a transição do social para o mental é exemplificada pela internalização da fala egocêntrica – que torna-se fala interna –, necessária para o desenvolvimento das funções mentais superiores, conforme as observações dos experimentos com crianças em Vigotski (1998). Para ele, a composição, a estrutura genética e os meios de ação das funções mentais superiores têm origens sociais. Até mesmo quando observamos processos internalizados, ‘sua natureza permanece semi-social’. (Wertsch, 1993)

Por fim, de acordo a abordagem da Teoria da Atividade, temos a ação mediada como unidade de análise. Disto decorre que ‘o agente da ação mediada seja visto como o indivíduo ou indivíduos *atuando em conjunto com o meio mediacional*’ (Wertsch, 1993). Aqui, se insere o interesse central do experimento: a atividade será transformada se o indivíduo reconhecer o papel como um meio mediacional, a fim de interpretar o conteúdo naquele contexto. A ideia subjacente para Vigotski é que ‘o indivíduo modifica ativamente a situação estimuladora como uma parte do processo de resposta a ela’ (Cole & Scribner *in* Vigotski, 1984). Portanto, o modo mais relevante de abordar a linguagem e outros sistemas de signos – a materialidade do livro – é relacionando-os à ação humana.

Vigotski (1984) acreditava que cabia ao experimento o importante papel de desvendar os processos que comumente estão encobertos pelo comportamento habitual. Em linhas gerais, este experimento consistiu em extrair processos cognitivos do usuário diante de elementos semânticos no livro-enquanto-objeto.

Nesse sistema de atividade, reconhecemos uma tensão constante entre o verbal e o não-verbal. Apesar de a mediação semântica do papel ser feita através de aspectos não-verbais, o processo de interpretação demanda uma unidade para o pensamento verbal: o significado da palavra, segundo Vigotski (Blunden, 2012). Essa tensão refletiu-se na relação conflituosa entre ênfase no texto (do senso comum, geral) e a atenção a aspectos materiais (dos livros testados, específicos); melhor discutido na seção de **Resultados e discussões**.

3 A Psicologia da Arte e o estranhamento

O conceito de estranhamento tem sua origem mais reconhecida no artigo *A Arte como procedimento* (1917) de Viktor Chklovski. O neologismo da língua russa, *ostranenie*, define o procedimento geral da arte, cujo objetivo é 'dar a sensação das coisas enquanto visão e não como reconhecimento' (Chklovski in Kempinska, 2010), contra à minimização do esforço perceptivo, já que 'uma vez tornada habituais, as ações tornam-se também automáticas, dessa maneira os nossos hábitos se tornam automáticos e inconscientes' (Nogueira, 2013). Chklovski é um dos principais teóricos do Formalismo russo, que focou nas características distintivas da literatura, nos procedimentos artísticos próprios da escrita literária (Erllich, 1993), a fim de dar autonomia à obra em relação ao historicismo da academia da época.

No entanto, mesmo que, segundo Kempinska (2010), 'o próprio conceito de estranhamento apareça como instável e disperso', Vigotski se apropria dele para sua teoria. A partir dos formalistas, realiza uma crítica imanente para 'revelar as contradições internas de teorias e procedimentos e desenvolver seus próprios resultados positivos das energias geradas pela colisão (...) entre as disciplinas' (Guimarães, 1995). Na psicologia da arte, os conceitos de estranhamento e autonomia da obra de arte mantêm-se relevantes.

A crítica mais severa foi não levar as consequências de suas proposições adiante. Embora Vigotski concordasse que a arte é um processo de transformação, ela não poderia ser explicada exclusivamente como um conjunto de procedimentos. A própria técnica não se encerra em si; pressupõe uma finalidade: interação com o espectador. Para Vigotski, o objetivo do estranhamento – renovar a percepção da realidade – implica uma relação estreita entre a forma e a matéria – e para os formalistas, a matéria era desimportante. Na psicologia da arte, segundo Guimarães (1995), a noção de matéria artística delineia uma continuidade dialética entre a experiência vivida e a experiência estética. Há, portanto, uma dominância da forma material sobre a artística, já que a segunda é construída a partir da primeira.

Essa dialética entre a forma e a matéria (conteúdo), segundo Vigotski, é de uma "contradição afetiva" entre dois níveis de ação da narrativa; essa seria a 'verdadeira base psicológica da nossa reação estética' (Guimarães, 1995). A forma medeia conteúdo na obra de arte em uma relação conflituosa que 'produz uma unidade dialética (unidade em conflito): forma "destrói" conteúdo' (*ibid*). O estranhamento é o que contrasta a experiência cotidiana com a experiência estética. Os materiais da arte, portanto, são os materiais da vida transformados; outra diferença fundamental da perspectiva formalista.

Vigotski e o Formalismo russo, por outro lado, concordavam com a tendência de reificação da sensibilidade na vida cotidiana (Guimarães, 2000). Um ato consciente tende a se tornar automatizado¹ através de sua repetição. Isso ocorre com atividades mecânicas – mudar de marcha ao dirigir um carro –, mas também com conceitos, ideias e comportamentos. Do ponto de vista da Teoria da Atividade, esse processo consiste em uma ação tender a se tornar operação. O aprendizado tende a automatizar – ou seja, tornar hábito – as ações. Ao passo que é fundamental para o desenvolvimento humano, 'se todas as complexas vidas de muitas pessoas seguirem automatizadas, então essas vidas são como se nunca tivessem existido' (Chklovski, 1917).

Aqui, examinamos o ato comum de leitura se tornar mais *pensado* através do uso de sua materialidade. Acreditamos que o livro-enquanto-objeto também pode ser uma fonte de desautomatização, contribuindo para uma experiência estética. Através do estranhamento, avaliamos se é possível quebrar um hábito, uma expectativa de leitura.

4 O papel como mediador semântico

Nos livros utilizados neste experimento, o papel é relevante, pois o utilizam como uma outra forma de narrativa – não verbal e/ou imagética. Nossa hipótese era que o papel não seria um elemento evocado em uma livre associação à ideia de *livro* e o primeiro objetivo consistia em

¹ Evitamos contrapor *consciente* e *inconsciente* pelo risco de remeter a outras teorias da psicologia, como a freudiana. A escolha pela dialética consciente/automatizado remete diretamente à teoria do estranhamento.

saber se o papel seria capaz de ter sua função semântica reconhecida e, depois, se seria associada à narrativa do livro.

Segundo Wertsch (1993), o poder dos meios mediacionais ao organizar a ação não é, em geral, conscientemente reconhecido por quem os utiliza; isso leva os usuários a não objetivar que essas ferramentas são resultado de processos sociais, culturais e históricos. Em outras palavras, a automatização de hábitos culturais faz com que os usuários não tragam as características próprias aos meios mediacionais ao nível de ação. Por isso, a hipótese foi que o hábito, (senso comum) seria o livro apenas como veículo da informação impressa.

O segundo objetivo do experimento foi saber se o hábito poderia se alterar no confronto com os livros analisados, já que algumas crenças internalizadas não mudam facilmente. Para nós, o papel – componente internalizado – seria estranhado, colaborando para uma experiência estética. Essa internalização se constitui pela raiz histórico-cultural do modelo atual de livro, quase inalterado desde o século II d.C., com o surgimento do códice – uma coleção de folhas individuais frouxamente unidas entre si (Lyons, 2011) – que transformou a mediação da escrita.

Enquanto avanços tecnológicos de produção possibilitam diversas possibilidades de materiais, tipos de impressão, acabamentos para o mercado, o processo de manufatura de livros que utilizem materiais atípicos ainda são dispendiosas. Talvez por isso, há poucos livros que explorem essas características no mercado nacional. Nesse aspecto, a editora que se destaca pela singularidade na produção gráfica de cada projeto é a Cosac Naify, que já publicou diversos livros experimentais.

Ao analisarmos o catálogo da editora, definimos *A Fera na Selva* e *Na Noite Escura*, (Figura 1) para constituir o corpus analítico considerando que ambos utilizam o papel como elemento narrativo. Além disso, as obras se utilizam da materialidade de maneiras distintas; a comparação entre os resultados ajudaria a revelar os processos da atividade.

Figura 1: Capas dos livros *A Fera na Selva* e *Na Noite Escura*.



O livro *A Fera na Selva*, (Figura 2) de Henry James, é uma obra literária na qual o personagem principal, John Marcher, fica à espera de um evento “raro e estranho” que mudaria a sua vida. O aguardo ao “ataque da fera” vai desenvolvendo a história de maneira densa e o projeto gráfico acompanha essa narrativa. À medida que a espera se torna mais dramática, as páginas vão escurecendo, a gramatura do papel aumenta e o espaço entre as linhas do texto diminui sutilmente. Desse modo, a materialidade do livro pode ser considerada uma tradução gráfica de um texto previamente escrito.

Figura 2: Imagens da capa (esq.) e de páginas internas (dir.) do livro *A Fera na Selva*.



Por outro lado, ao lermos o *Na Noite Escura*, (Figura 3) de Bruno Munari, é evidente que a materialidade do livro e o conteúdo textual-imagético são equivalentes. Utilizando quatro tipos de papéis diferentes, facas de corte, ilustrações simples e textos curtos, o leitor é levado a mergulhar na obra através de uma leitura sensorial. O primeiro caderno do livro possui papel preto e tem um furo circular, através do qual é possível perceber “uma luzinha amarela ao longe”. Já no segundo, o papel vegetal é utilizado para simbolizar a neblina da manhã. Nesse, o autor se apropria da transparência do papel sobrepondo ilustrações e escondendo elementos entre uma página e outra. No último, é utilizado papel Marrakech, simulando a textura visual de um gruta. Com os cortes nas páginas, o leitor é levado a entrar nessa caverna e se deparar com desenhos rupestres, um baú de tesouros e até mesmo um lago – representado também pelo papel vegetal sobreposto. E, ao sair da gruta, o leitor percebe que é noite novamente, representada pelo papel preto.

Figura 3: Páginas internas do livro *Na Noite Escura*.



Portanto, em *A Fera na Selva* a materialidade é uma tradução da narrativa presente no texto, enquanto que em *Na Noite Escura*, o papel é a própria narrativa sustentada por frases curtas e ilustrações simples. Os livros foram selecionados para o experimento pelas diferenças entre suas narrativas – tanto de gêneros e formas de leitura.


5 Protocolo

O experimento foi realizado com nove pessoas, leigas com relação ao processo projetual do livro – pois profissionais relacionados já teriam um olhar especializado – e durou entre 15 a 50 minutos. Os sujeitos leram *Na noite escura* por ser um livro curto e rápido, ao passo que para *A fera na selva* seria inviável. Essa dificuldade, por outro lado, se mostrou valiosa para a análise, ecoando a técnica usada por Vigotski de introduzir obstáculos na tarefa para quebrar os

métodos rotineiros de solução de problemas – no caso, não acessar o “conteúdo principal”, o texto. Com isso, pudemos verificar se o papel era objetivado e interpretado mesmo sem a relação com o conteúdo textual.

O experimento foi dividido em três etapas: 1) associação livre de conceitos; 2) aplicação do *think aloud protocol*; e 3) entrevista semi-estruturada. O procedimento de livre associação e hierarquização de evocações é uma técnica da teoria do núcleo central de Abric, para identificar objetos de representação social através de um tratamento estatístico das evocações. Para o nosso experimento, buscamos um conjunto de expectativas sobre livros; para tal, nos apropriamos do procedimento. No entanto, esse método dos estudos sociais tem escopo de grandes amostras. Nosso objetivo foi identificar que palavras significantes estão internalizadas pelos leitores: cada um evocou 5 palavras relacionadas a *livro*. Então, as hierarquizou em importância. Ele foi respondido na ficha presente na Figura 4. Depois disso, pedimos para que classificasse seu hábito de leitura de 1 a 5 a fim de investigar uma possível relação.

Figura 4: Ficha desenvolvida para que os entrevistados preenchessem.

FRENTE	VERSO
 <p>Programa de Pós-Graduação em Design</p> <p>A experiência do livro</p> <p>1 Quais são as cinco primeiras palavras que lhe vêm à mente ao ouvir a palavra “livro”?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>2 Por favor, enumere as palavras de 1 a 5 em ordem de importância.</p> <p>3 Você poderia explicar por que você escolheu esta palavra como a mais importante?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>Muito obrigado!</p>	<p>1 Quais são as cinco primeiras palavras que lhe vêm à mente ao ouvir a palavra “livro”?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>2 Por favor, enumere as palavras de 1 a 5 em ordem de importância.</p> <p>3 Você poderia explicar por que você escolheu esta palavra como a mais importante?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>Muito obrigado!</p>

No segundo momento, aplicamos o *think aloud*, que requisita do usuário falar tudo o que passa pela sua cabeça enquanto realiza a atividade, como se estivesse “pensando alto”. O objetivo foi externar o pensamento do usuário durante interação. Ou seja, de acordo com a Teoria da Atividade, visamos que os significados das palavras – unidade de análise do pensamento – fossem externados, ressocializando a fala internalizada do processo de ler ou folhear um livro. Para interpretar, observamos se: 1) a materialidade do livro é objetivada pelo usuário; 2) ele **supõe** algum conteúdo semântico sobre alguns dos elementos materiais (“eu acho que isso significa alguma coisa”); 3) ele consegue interpretar ou relacionar a uma narrativa ou sucessão de eventos.

No caso de *A fera na selva*, após o *think aloud*, nós fornecemos a sinopse da editora para que o usuário entendesse melhor do que trata o livro. Então, realizamos uma entrevista semiaberta. Previmos um direcionamento gradual das perguntas, caso os entrevistados ainda não externassem sua atenção à materialidade. Ao fim, era necessário verificar se houve mediação semântica. As perguntas foram diferentes para os dois livros (Figura 5).

Figura 5: Ficha de perguntas direcionadas para cada livro.

NA NOITE ESCURA:	A FERA NA SELVA
1) Como você explicaria esse livro para alguém? 2) Para você, qual é a principal característica desse livro? 3) Você gostou de alguma parte em especial? 4) (Alguns leitores notaram que o livro tem tipos de papel diferentes. Você notou isso?) Por que você acha que os papéis mudam? 5) Você diria que esse livro se passa em quantos lugares? Quais?	1) Você sabe que, quando os livros são feitos, é necessário fazer um "projeto gráfico"? Explicar o que é o projeto gráfico: <i>O projeto gráfico define a identidade do artefato, pois é ele que determina quais e como os elementos irão compor o objeto. Desse modo, é durante o processo de criação do projeto gráfico que há as principais tomadas de decisões referente ao artefato: é definido o formato, grid, o papel, a tipografia a ser utilizada, a mancha gráfica entre outros.</i> 2) Esse livro tem um projeto gráfico que é considerado especial; você percebe algo diferenciado? 3) A editora desse livro diz que 'o projeto gráfico acompanha a evolução da narrativa' por que "a espera torna-se mais dramática". Para você, que características mostrariam essa suposta dramaticidade? 4) (Diminuição da entrelinha, papel escurece, papel fica mais grosso) Você acha que essas características influenciam a leitura de alguma forma?

Para finalizar, pedimos para que o usuário repetisse o primeiro procedimento, com objetivo de verificar se as palavras associadas à ideia de *livro* permaneciam inalteradas. A mudança de palavras relacionadas ao livro apontaria uma desautomatização do conjunto internalizado de expectativas. Ou seja, apontaria para a inclusão de um meio mediacional no sistema de leitura alteraria a atividade – a materialidade enquanto mediadora teria causado estranhamento. Todo procedimento foi gravado em áudio para análise posterior.

6 Resultados e discussões

Livre associação e senso comum

O tratamento da teoria do núcleo central se utiliza da frequência e da hierarquia das evocações dos sujeitos. Pelos motivos mencionados, a hierarquização não foi levada em consideração nesta análise. As evocações foram agrupadas em seis conjuntos – com a adição de um para evocações feitas pós-experimento. Todos os dados estão tabulados na Figura 6.

Figura 6: Quadro com as evocações dos entrevistados durante a pesquisa.

GRUPOS	VERBAL	SENTIMENTOS	PEDAGÓGICO	EXPERIÊNCIAS	NARRATIVA	FORMA	COMPONENTES	PICTÓRICO
ANTES	Texto	Amor	Conhecimento x 4	Diálogo	Cultura	Capa x 2		
	Palavra	Felicidade	Ensino	Compartilhamento	Histórias x 2	Folhas		
	Novas palavras	Liberdade	Aprendizado x 3	Leitura x 2	Fantasia			
	Letras	Diversão	Estudo	Criatividade	Aventura			
	Filosofia	Infância	Informação	Viagem	Vida			
	Literatura			Livraria	Imaginação			
FREQUÊNCIA	6	5	10	9	7	3	0	0
DEPOIS	Texto	Amor	Aprendizagem	Criatividade	Aventura	Papel	Autor	Ilustração
	Palavras	Felicidade	Informação	Retorno	Narrativa	Cor	Conteúdo x 2	Imagem
		Sentimentos	Conhecimento		Vida	Apresentação x 2	Planejamento	
		Curiosidade			Cultura	Forma x 2		
		Despertar			Histórias x 2	Capa x 2		
					Imaginação	Folhas		
FREQUÊNCIA					Fantasia	Letra		
					Interpretação	Projeto gráfico		
					Descoberta de um novo mundo	Material		
FREQUÊNCIA	2	5	3	2	10	12	4	2

Partimos da hipótese que os leitores não apontariam a materialidade nas evocações antes do experimento. A mudança da percepção do papel pré- e pós-experimento indicaria a inclusão de meios mediacionais, o que alteraria toda atividade e não simplesmente facilitaria

algo que ocorreria sem eles. Ou seja, ‘ao serem incluídos no processo de comportamento, a ferramenta psicológica altera todo fluxo e estrutura das funções mentais’ (Vigotski *in* Wertsch, 1993). Também segundo Roger Chartier (2003), ‘cada forma, cada suporte, cada estrutura da transmissão e da recepção do escrito afeta profundamente seus possíveis usos e interpretações’. Ou seja, uma vez que o papel tenha realizado uma *mediação semântica*, toda atividade seria transformada.

Ao comparar as evocações antes e depois do experimento, observamos dois movimentos: a mudança de categorias significativas e a especificação de conceitos gerais. A segunda associação foi feita imediatamente após as duas entrevistas, o que indica um impacto na percepção dos sujeitos.

A hipótese inicial se confirmou: de 45 evocações, três eram relativas à forma e houve predominância de conceitos relativos a aprendizado. Após o experimento, apenas dois sujeitos não alteraram suas evocações e 12 palavras relativas à forma foram citadas. Isso aponta para uma sensibilidade na interação com o livro-enquanto-objeto. Há um potencial de resposta para a abordagem projetual que valoriza a materialidade do livro, conforme trecho de uma entrevista com a diretora de arte da Cosac Naify sobre o desenvolvimento dos livros da Coleção Particular:

O primeiro livro que lançamos dessa linha foi Primeiro amor, de Samuel Beckett, que não é tão experimental como os outros. Mas foi um livro que fizemos um projeto um pouco diferenciado e que tinha um texto curto e corrido, sem grandes demandas de estrutura por não ter subtítulo, nem hierarquias internas. Tudo muito simples. Então, como Primeiro amor vendeu bem para a nossa escala, a gente percebeu que esse tipo de edição tinha um público. Depois fizemos o Bartleby, o Escrivão, de Herman Melville, que também foi um sucesso, considerando a nossa escala de produção.

Nas categorias de conceitos pedagógicos e verbais houve uma queda significativa, o que evidencia o estranhamento entre os livros testados e os usuários. Parece ter havido uma transição: em vez de associar conceitos a livros em geral, a maior parte dos leitores estava com os dois livros específicos em mente. A partir disso, poderíamos considerar que, embora o livro tenha conceitos internalizados, eles são pouco estanques e passíveis de adequação em contextos específicos.

O segundo movimento ocorreu na categoria de Experiências, que parece ter sido objetivada em aspectos narrativos e formais; isso poderia ajudar a explicar o grande aumento, sobretudo da segunda categoria. Em outras palavras, essa característica já existia, mas estava generalizada em outros conceitos, e se tornaram específicos a partir dos livros testados. Também se fez necessário criar a categoria pictórica, já que palavras associadas à ilustração e imagem foram citados no segundo momento.

Think aloud

Com relação ao protocolo de *think aloud*, a resposta dos sujeitos oscilou. Quatro dos nove conseguiram verbalizar seus pensamentos e indicar os elementos a que atribuíam sentido; os demais, não. Mesmo aqueles que conseguiram, não o faziam paralelamente à leitura. Ora falavam imediatamente ao visualizar – de forma mais descritiva, “aqui tem um gato”, “ele ficou com medo do morcego”, por exemplo – ora ao final de cada página, depois de terem chegado a alguma conclusão – “não entendi”, “aqui, as escadas representam (...)”. Isso parece confirmar a proposição de Vigotski de que o pensamento verbal possui uma reflexão da realidade radicalmente diferente das provenientes da sensação ou percepção imediatas (Blunden, 2012). Desse modo, é difícil traduzir essa percepção para o domínio verbal.

Ainda assim, algumas características acerca da fala egocêntrica se revelaram. Em alguns momentos, os leitores faziam perguntas em voz alta e respondiam a si mesmos, o que significa a transição da fala interna sendo externada para a fala egocêntrica – processo inverso às observações dos experimentos com crianças de Vigotski (1998). Uma constante foi a síntese e a constante auto interrupção das verbalizações. Para Vigotski, a propriedade mais importante da fala interna é sua sintaxe abreviada e é possível observar sua natureza fragmentária através da fala egocêntrica (Wertsch, 1993).

Portanto, o procedimento de *think aloud* confirmou princípios da Teoria da Atividade e revelou indícios sobre o processo de interpretação dos livros. No entanto, é importante fazer ressalvas para sua aplicação na atividade de leitura.

Entrevista, fala egocêntrica e observação

De maneira geral, a identificação do papel como mediador semântico não mostrou estar relacionado ao hábito de leitura: mesmo leitores nos extremos da classificação chegaram a interpretações e reações muito similares. Isso reafirma as conclusões de Miall & Kuiken (1994) no estudo de resposta a textos literários. O livro *Na noite escura* forneceu variadas interpretações no que diz respeito à narrativa: as respostas foram desde questões existenciais – "representa o ciclo da vida" – a sequenciais – "é o gato passeando". Uma constante, entretanto, foi entender que a mudança de papel representava a mudança de ambientes.

Durante a leitura, percebemos que todos os sujeitos demonstraram surpresa e contemplavam o livro em dois momentos: ao ver o papel vegetal e ao "entrar na gruta", nos trechos que acreditávamos que iriam gerar estranhamento. Na primeira, quatro sujeitos se expressaram através de interjeições, com surpresa, e outros três falaram explicitamente do papel. Já ao chegar na gruta, três tocaram o papel marrakech para verificar a textura tátil; quatro – os mesmos três e outro – verbalizaram que realmente pareciam as paredes de uma caverna. Quando perguntados se haviam gostado de alguma parte em especial, os nove sujeitos mencionaram algo relativo ao papel, em qualquer um dos três cenários da narrativa. A pregnância de um trecho também pode ser relacionado como resultado de estranhamento, conforme Miall & Kuiken (1994).

Já no livro *A fera na selva*, sete leitores apontaram aspectos do projeto gráfico como ergonomicamente negativos: pouco contraste entre o papel e a letra e o brilho do papel, cansariam ao longo da leitura. Também chamou a atenção de três deles a inversão das cores da tipografia, que afirmaram até poderia ter a ver com alguma reviravolta na narrativa, associando um significado a esse aspecto gráfico.

Seis sujeitos externaram ter percebido o aumento da gramatura e a cor do papel. Todos explicitaram esse aspecto quando perguntados e afirmaram que poderia ter relação com a narrativa, enquanto folheavam para frente e para trás, comparando as páginas (Pergunta 3, Figura 5). Cinco leitores se delongaram olhando e tateando a capa do livro, de plástico Tyvek, texturizado, que possui uma luminosidade diferente da de papéis mais usuais. Além disso, três disseram que lembraria um envelope, classificando como "chique". Oito dos nove sujeitos afirmaram que os aspectos incomuns do livro influenciariam na leitura e todos classificaram o projeto como diferenciado.

Mesmo com as críticas, podemos afirmar que a mudança de papel comunicou um aspecto relacionado à narrativa: todos os leitores foram capazes de dar sentido aos meios mediacionais que tinham à disposição. Ou seja, o papel foi um meio mediacional bem-sucedido para comunicar mudança na narrativa imediatamente.

Com os dados da pesquisa, identificamos que não apenas essas diferenças eram reconhecidas objetivamente, mas literalmente prolongavam e dificultavam a percepção do que o livro comunicava. Esse é precisamente o efeito que Chklovski definiu como estranhamento. Esse estranhamento, sobretudo no livro *Na noite escura*, teve um reflexo no impacto que a obra causou nos leitores, fazendo com que a narrativa fosse classificada como mais envolvente.

Já em *A fera na selva* os sujeitos não puderam ler o romance, mas observar o estranhamento nos apontou para a quebra das expectativas. Isso se reflete nos depoimentos, em que afirmaram que esse era, de fato, um projeto diferenciado, "diferente de qualquer coisa que se vê por aí". Isso é consequência da singularização do livro enquanto objeto – que, nos termos da Teoria da Atividade, significa que uma operação emergiu à consciência e tornou-se uma ação.

7 Conclusão

Vigotski utilizava signos em suas propriedades mediacionais em um contexto, em vez de uma análise semântica abstraída de qualquer circunstância de uso. Dessa forma, 'é sem sentido afirmar que indivíduos "possuem" um signo, ou o dominaram' (Wertsch, 1993). Então, apesar das claras limitações desse experimento, é essencial para a Teoria da Atividade o princípio de criar abstrações a partir da análise detalhada de um fenômeno (Blunden, 2012); esta é a perspectiva que adotamos.

Os livros que apresentamos possuem características incomuns frente ao mercado editorial em que se encontram; saem das expectativas. A mudança das palavras associadas a *livro* apontam que o estranhamento propiciou uma experiência estética, uma nova percepção, que, conforme a definição de Vigotski, possivelmente ajudará a organizar comportamentos futuros.

Uma das ressalvas metodológicas é relativa à análise do conjunto de expectativas. Apesar de utilizar um procedimento da representação social, não cumpre com pré-requisitos nem se caracteriza nesse campo. Preliminarmente, avaliamos essa ferramenta como válida para fornecer dados que possam apontar direções: enquanto experimento piloto, fornece *insights* para pesquisas futuras. Outras explorações a fim de potencializar o uso do *think aloud* ou a utilização de outros protocolos também são recomendáveis.

Uma abordagem de Vigotski a ser aplicada é a *descontextualização de meios mediacionais*, associada à formação de conceitos. Ele delineia uma divisão entre os conceitos científicos (abstratos) e os cotidianos; a primeira categoria, dissociada da realidade extralinguística e a segunda, com uma forte relação à unidade concreta de experiência. A maneira como o conteúdo verbal comunica (abstrato) em um livro é fundamentalmente diferente da sua materialidade, por sua vez relacionado à *recontextualização*. Há portanto, na teoria de Vigotski, espaço para uma exploração da continuidade entre experiências vividas e estéticas. Além disso, esses movimentos dialéticos podem ser conjugados a teorias relacionadas ao estranhamento, sobretudo à oposição entre linguagem padrão e linguagem poética de Mukarovsky.

De fato, não é possível afirmar que houve uma nova visão sobre os livros para os sujeitos, mas o impacto demonstrou-se significativo; e é ainda mais forte por utilizarmos projetos presentes no mercado. Acreditamos que outros experimentos devem ser realizados a fim de abstrair princípios gerais. A partir disso, pode-se aprofundar a linguagem da materialidade do livro como um dos meios pelos quais o projeto gráfico *significa*; com autonomia da forma.

Referências

- BLUNDEN, A. 2012. *An interdisciplinary Theory of Activity*. Chicago: Haymarket Book.
- ERLICH, V. 1993. Russian Formalism. In: PREMINGER, A. & BROGAN, T. V. F. *The New Princeton Encyclopedia of Poetry and Poetics*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press.
- CHARTIER, R. 1998. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP.
- CHKLOVSKI, Viktor. Art as Technique. In: < http://web.fmk.edu.rs/files/blogs/2010-11/MI/Misliti_film/Viktor_Sklovski_Art_as_Technique.pdf>, 17/04/2015.
- GUIMARÃES, M. L. 1995. From Aesthetics to Psychology: Notes on Vygotsky's Psychology of Art. In: *Anthropology & Education Quarterly* 26 (4), pp. 410-424. Illinois, Springfield: American Anthropological Association, University of Illinois.
- _____. 2000. A psicologia da arte e os fundamentos da teoria histórico-cultural do desenvolvimento humano. In: *Interações*, vol. V, N. 9, Jan-Jun, 2000. pp. 73-81, Universidade São Marcos, Brasil.
- KEMPINSKA, O. G. 2010. O estranhamento: um exílio repentino da percepção. In: *Gragoatá*, Niterói, N. 29.
- KOTHE, F. R. 1977. Estranho estranhamento (ostranenie). In: *Suplemento Literário de Minas Gerais da Imprensa Oficial*. Belo Horizonte, 20 agosto de 1977.
- LYONS, M. 2011. *Livro: uma história viva*. São Paulo: Editora Senac São Paulo.
- MIALL, D. S. & KUIKEN, D. 1994. Foregrounding, defamiliarization, and affect: Response to literary stories. In: *Poetics*, 22, 389-407. University of Alberta.

NOGUEIRA, A. 2013. *Teoria do estranhamento*. In: 6th Information Design International Conference (CIDI 2013). Blucher Design Proceedings May 2014 , Vol. 1, Num. 2 < www.proceedings.blucher.com.br/evento/cidi>.

VIGOTSKI, L. S. 1984. *A formação social da mente – O desenvolvimento de processos psicológicos superiores*. 6ª edição. São Paulo: Martins Fontes.

WERTSCH, J. V. 1993. *Voices of the mind – A sociocultural approach to mediated action*. Cambridge: Harvard University Press.

Sobre os autores

Eduardo A. Souza, Mestrando, UFPE, Brasil <souza.edrd@gmail.com>

Gabriela A. F. Oliveira, Mestranda, UFPE, Brasil <gabrielaa.araujo@gmail.com>

Silvio B. Campello, PhD, UFPE, Brasil <sbcampello@gmail.com>